

O Lugar do Anjo — Caeiro no Labirinto Pessoa

Eduardo Lourenço

Ninguém conhece com precisão o momento em que teve lugar no Ocidente esse acontecimento misterioso que podemos evocar como de uma “pane genérica do Sentido.” Talvez não possamos mesmo situá-lo num momento exacto. Em última análise podemos até supor que seja de uma ordem que nada tem que ver com a cronologia. Trata-se antes de uma acumulação de sinais que, pouco a pouco, deixaram de funcionar, tendendo para uma espécie de encefalograma nulo. Por comodidade, podemos recuar até Duns Scot ou Ockam, em suma, até ao aparecimento da teoria de que os nomes não correspondem às coisas, que são, como então se disse, simples “flatus vocis.” Foi então que o código semiótico do Ocidente, sem que nós nos tivéssemos apercebido disso, como se se tratasse de uma colossal “plaisanterie” à Milan Kundera, deixou de funcionar e o nosso entendimento já separado da alma, se instalou nas margens do Deserto. Mas foram necessários quase seiscentos anos para que esse divertimento escolástico se tornasse no “experimentum crucis” da cultura ocidental, no horizonte obrigatório de um desafio ainda actual.

Nem o mais fantástico dos contos se pode comparar a esta desertificação silenciosa e inelutável do homem ocidental. O mais estranho é que tão radical nota de suspeita em relação à vocação ontologicamente inocente das palavras para nomear uma realidade que se confundia então com a própria Criação saída intacta das mãos de Deus, surgiu como supremo louvor dessa Criação, como oração extasiada e extática do Sentido. As palavras e o seu sentido empalideceram porque as criaturas, contempladas em si mesmas, se mostraram como um inesgotável alfabeto divino. O seu sentido era a sua existência se nós abdicávamos da pretensão de interpor entre o Criador e as criaturas, o nosso entendimento. Deixemos o sol, a lua, a água, mas também o lobo ou a Morte, dizer-nos pela sua simples presença a plenitude do

um sentido que nós perturbamos pelo simples olhar. Assim Francisco de Assis imaginou a nossa relação com Deus e as suas criaturas e, desta nova visão paradisíaca, os seus discípulos menos humildes do que ele, deduziram a inutilidade ou, mesmo a impossibilidade para nós de apreender o sentido da realidade com as palavras.

Paradoxalmente, esta primeira crise de sentido no Ocidente enquanto desconfiança no poder das palavras, compensado pela confiança na luz do mundo como mundo criado, devia converter-se na fonte de uma insondável cegueira, no dia em que o laço entre o Criador e as criaturas se obscurecesse. Cegueira em relação a essa transparência que acompanhava a apreensão de um universo onde cada ser tinha o seu lugar e conhecia o seu destino ideal. Transparência análoga à do tempo em que as rosáceas das catedrais deixavam filtrar a própria luz de Deus mas também aurora de uma nova claridade, unicamente humana, cada vez mais ofuscante à medida em que essa antiga luz divina parecia perder, no espírito dos homens, o seu brilho. Na verdade, o nominalismo (pois é dele que se trata—sob a sua aparência de mera desconfiança quase lúdica no poder ontológico da linguagem) era já uma subtil confissão do obscurecimento da antiga luz divina. O pensamento moderno é filho deste nominalismo, invenção de uma outra linguagem separada da sua fonte transcendente, para através dela dizer o mundo de maneira menos ingênua e apreender através dela o seu *verdadeiro sentido*. No dia em que, por sua vez, esta leitura conhece, se não os seus limites, pelo menos uma perplexidade que parece inerente às nossas relações com a linguagem, *a crise do sentido* tomará formas, perto das quais, as da antiga crise parecerá um jogo da infância.

Fernando Pessoa nasceu, por assim dizer, no momento em que a crise do sentido como absoluta perturbação de todos os códigos da Modernidade, adquiria uma expressão universal. A sua obra é, de certo modo, um espelho paradigmático e vertiginoso desta crise, viagem no interior da ausência do sentido e, simultaneamente, a tentativa, das mais exigentes e dolorosas para encontrar uma saída para uma situação que não é unicamente de ordem intelectual ou poética mas existencial e metafísica. Falar a seu respeito de “explosão e busca do sentido” não é evocar duas fases da sua singular aventura poética, mas de um só movimento e experiência indissociáveis. Foi a mais extrema exigência de Sentido, em particular a consignada no seu poema dramático *Fausto* que provocou nele essa explosão espectacular do Eu, cujas peripécias foram tantas vezes glosadas e tanto contribuíram para a sua celebridade. Mas, por sua vez, essa deflagração do *sentido do mundo*, assumida pe-

la criação de vários “poetas,” cada um deles expressão de um sentido possível, que determinará uma *Quête* sem fim para restabelecer o sentido explodido. Toda a poesia de Fernando Pessoa pode ser colocada sob o signo da *ficção do Ser*. Ficção do ser do eu ou do eu como ser, ficção do universo como ser ou do ser do universo, ficção do ser de Deus ou de Deus como ser. A nenhuma das “realidades” que permitem apor um qualquer sentido ao que chamamos Eu, Mundo ou Deus, Pessoa atribuiu um outro estatuto que o da ficção ou sonho.

Nesse seu poema *Fausto*, Fernando Pessoa põe em cena menos um personagem a braços com os mistérios do conhecimento, da vida, do amor, do absoluto, que a figura da impotência humana incapaz de formular as últimas questões que são também as primeiras. No fim da sua caminhada ele não poderá ouvir da boca da Morte—assimilada à Inconsciência mais do que a reiteração da única “verdade” a que foi sensível, ou antes, do único “sentimento” que lhe era familiar na sua infamiliaridade absoluta, o da *irrealidade* de Tudo, incluindo nela o seu eu, o dos outros, o mundo e Deus:

Tudo o que toma forma ou ilusão
 De forma, nas palavras, não consegue
 Dar-me sequer, cerrado em mim o olhar
 Do [pensamento], a ilusão de ser
 Uma expressão disso que não se exprime,
 Nem por dizer que não se exprime. Vida
 Ideia, Essência. Transcendência, Ser,
 Tudo quanto de vago e [sombra]
 Possa ocorrer ao sonho de pensar,
 Inda que fundamento concebido,
 Nem pelo horror desse impossível deixa
 Transver sombra ou lembrança do que é.

Com que realidade o mundo é sonho!
 Com que ironia mais que tudo amarga
 Me não confrange, fria e negramente,
 Esta inquieta pretensão a ser! (*Obra Poética* 640)

Se assimilássemos totalmente o conceito da “busca da verdade” ao de “busca do sentido,” poderíamos dizer, lendo o *Fausto*, que desde o início, pa-

ra Pessoa, a questão está resolvida. Resolvida pela supressão deles, por *ausência* ou por uma constatação da *ausência do sentido* da realidade, seja qual for:

O segredo da Busca é que não se acha.
 Eternos mundos infinitamente,
 Uns dentro de outros, sem cessar decorrem
 Inúteis; Sóis, Deuses, Deus dos Deuses
 Neles intercalados e perdidos
 Nem a nós encontramos no infinito.
 Tudo é sempre diverso, e sempre adiante
 De [Deus] e Deuses: essa, a luz incerta
 Da suprema verdade. (623)

Pode estranhar que Pessoa, tal como o seu *Fausto*, submerso pelo “maëlstrom” de pensamentos que a nada mais conduzem que à consciência da sua impotência de saber e de ser se refira à “suprema verdade.” Mas nós sabemos que o conteúdo desta “suprema verdade” que no poema releva explicitamente da visão ocultista e iniciática, tão cara a Pessoa, não é mais do que Ausência, espécie de abismo primordial como o dos gnósticos, aquém ou além de toda a compreensão. Sob esse fundo da ausência original, tudo o que nós chamamos “real”—Deus, mundo, os seres, o céu—é um eco imperfeito, evanescente, uma manifestação que nunca remonta para a sua fonte. Se podemos alcançar um qualquer “sentido,” ou antes, se uma exigência de “sentido” transparece na expressão das nossas relações connosco mesmos ou com o mundo, é apenas no horizonte desta *Ausência* e como o signo próprio desta ausência. O *Sentido* enquanto essência da verdade colhida na face das coisas ou cifra da nossa experiência, nunca se revelará como *positivo*. Apesar disso, pode alcançar uma espécie da plenitude negativa, como *lembança* de uma realza perdida, de um estádio anterior ao da nossa Queda no *mundo*—quer dizer, na consciência, mas também nas palavras—e é por isso que a explosão original do Sentido e a sua presença virtual são inseparáveis:

Emissário de um rei desconhecido,
 Eu cumpro informes instruções de além,
 E as bruscas frases que aos meus lábios vêm
 Soam-me a um outro e anómalo sentido...(62)

Por diversas razões, a questão que diz respeito ao *Sentido* em Pessoa, embora se encontre em toda a sua obra, não atinge toda a sua acuidade moderna no *Fausto* poema abstractamente assombrado por essa questão sob uma forma tradicionalmente metafísica, “o que é a verdade?, o que é o ser?” E ainda menos na poesia assumidamente ocultista como a dos *Sonetos sobre o túmulo de Rosencreutz* ou mesmo da *Mensagem*, poesia transbordante de sentido, no seu perfil, ao mesmo tempo, transcendente e onírico. Na realidade, a glosa da ausência de sentido da vida e do universo no texto de *Fausto*, pertence ao mesmo esquema de excesso de sentido, característica dos poemas de inspiração ocultista e iniciática, ou dos da *Mensagem*, simultaneamente iniciáticos e messiânicos. Cada um dos universos de Pessoa é o inverso do outro. Foi com a invenção dos heterónimos, esses poetas-outros destinados a incarnar a pluralidade de sentidos que o eu como ausência não podia assumir, que Pessoa se lança numa verdadeira busca de um sentido positivo. Através da criação heteronímica cumpre-se o acto libertador da sua subjectividade negadora, tal como o *Fausto* exaustivamente a ilustra. Ao menos num primeiro momento, esta explosão do sentido é também emergência do sentido. Tornando-se Alberto Caieiro ou, segundo a sua versão, o lugar onde Alberto Caieiro se manifesta, Pessoa não descobre apenas uma verdade entre outras, uma realidade susceptível de leitura, de inteligibilidade, uma existência liberta da doença de ser consciente, mas o Sentido. Na criação de Pessoa, Caieiro ocupa o lugar do Anjo. Um anjo que renuncia ao céu para se deitar na realidade, ser a voz sem voz dessa realidade, olhar ao céu das coisas antes do nosso juízo sobre elas:

Sou um guardador de rebanhos.
 O rebanho é os meus pensamentos
 E os meus pensamentos são todos sensações.

Por isso quando num dia de calor
 Me sinto triste de gozá-lo tanto,
 E me deito ao comprido na erva,
 E fecho os olhos quentes,
 Sinto todo o meu corpo deitado na realidade,
 Sei a verdade e sou feliz. (146-47)

Aquilo que o pensamento—e, em particular o mais exigente, o filosófico ou metafísico—não lhe pode dar, por ser o próprio instrumento da frustra-

ção em matéria da verdade e do acesso à realidade, eis que o não-pensamento, a conformidade espontânea com as sensações, se propõe conceder-lhe. Situar-se antes dos pensamentos, esquecer os nomes que nos roubam as coisas, deixar as coisas oferecerem-se, não na sua significação—fruto dos nossos falsos pensamentos—mas na sua *existência*, é isso—entrar na casa do Ser, habitar o sentido, ser habitado por ele:

O que nós vemos das coisas são as coisas.
 Porque veríamos nós uma coisa se houvesse outra?

.....
 O essencial é saber ver,
 Saber ver sem estar a pensar,
 Saber ver quando se vê,
 E nem pensar quando se vê
 Nem ver quando se pensa. (151)

Ou ainda:

Se quiserem que eu tenha um misticismo, está bem, tenho-o.
 Sou místico, mas só com o corpo.
 A minha alma é simples e não pensa. (154)

Ser-se-ia tentado a dizer, e disse-se, tomando à letra não o que são os poemas-Caeiro, mas o mito poético da inocência que Pessoa quis instituir, que Pessoa era um novo São Francisco no meio de um mundo privado de sentido à força de artifício. Mas com Caeiro nós temos apenas uma simplicidade sonhada ou, se se prefere, dentro de uma utopia da simplicidade de onde o questionamento do sentido não só não está ausente, mas continua vivendo à sombra desse questionamento. Para este pastor do Ser tão singular, os rebanhos são unicamente pensamentos e na sua casa sobre a colina, este poeta que não devia pensar mas apenas sentir, está longe do Anjo de uma nova Criação, do homem antes da consciência, do animal que a natureza criou, como Pessoa o imaginou para escapar à angustia e ausência de sentido, ligadas à nossa finitude:

Às vezes, em dias de luz perfeita e exacta,
 Em que as coisas têm toda a realidade que podem ter

Pergunto a mim próprio devagar
 Porque sequer atribuo eu
 Beleza às coisas.

Uma flor acaso tem beleza?
 Tem beleza acaso um fruto?
 Não: têm cor e forma
 E existência apenas.
 A beleza é o nome de qualquer coisa que não existe
 Que eu dou às coisas em troca do agrado que me dão.
 Não significa nada.
 Então por que digo eu das coisas: são belas?

Sim, mesmo a mim, que vivo só de viver,
 Invisíveis, vêm ter comigo as mentiras dos homens
 Perante as coisas,
 Perante as coisas que simplesmente existem.

Que difícil ser próprio e não ver senão o visível! (152)

Não insistamos: a plenitude do sentido, encarnada por Caeiro está dilacerada no interior e a felicidade que ela exprime cheia da inquietude que devia abolir. Teremos mais sorte aceitando que o Sentido só pode ser apreendido na própria proliferação dos sentidos—significações, a única que corresponde à diversidade e à multiplicidade privada do centro e desde sempre aberta ao mundo, tal como se oferece a nós? Reencontrar o sentido equivaleria então a ser tudo de todas as maneiras.

A esta versão da busca do sentido corresponde, como se sabe, Álvaro de Campos que se derrama numa enumeração caótica, tumultuosa, das sensações e momentos que o espectáculo do mundo lhe apresenta, com a mesma determinação que leva Caeiro a recusá-la. Em vez da ascese, da desconfiança acerca do poder das palavras para significar, captar o sentido das coisas, nós temos com Álvaro de Campos uma autêntica crítica verbal, subentendendo uma confiança ontológica na linguagem. Sem esta confiança as festas poéticas, as celebrações, mesmo ficcionais, da *Ode Triunfal* ou da *Ode Marítima*, nunca teriam visto a luz:

Ó fazendas nas montras! ó manequins! ó últimos figurinos!
 Ó artigos inúteis que toda a gente quer comprar!
 Olá grandes armazéns com várias secções!

.....
 Eh, cimento armado, beton, de cimento, novos processos!
 Progressos dos armamentos, gloriosamente mortíferos!
 Couraças, canhões, metralhadoras, submarinos, aeroplanos!

Amo-vos a todos, a tudo, como uma fera.
 Amo-vos carnivoramente,
 Pervertidamente e enroscando a minha vista
 Em vós, ó coisas grandes, banais, úteis, inúteis,
 Ó coisas todas modernas,
 Ó minhas contemporâneas, forma actual e próxima
 Do sistema imediato do Universo!
 Nova Revelação metálica e dinâmica de Deus! (242)

Esta exteriorização exacerbada, tentativa para se conferir um sentido através da aceitação de si como Desejo e do Desejo como essência do real, inspirou alguns dos mais célebres poemas de Pessoa-Campos. Mas como todos os leitores do autor de *Tabacaria* sabem, esta teatralização (pseudo) exuberante do seu eu, não é menos decepcionante que a teatralização minimalista, de intenção solar, de Alberto Caeiro. Também o Sentido não comparecerá ao seu apelo. Depois da exaltação, da fingida aceitação duma plenitude de vida e da vida como plenitude de energia, Álvaro de Campos tornar-se-á o poeta por excelência do sentimento da náusea e do não-sentido da existência. Embora também aquele que no final célebre da mesma *Tabacaria* deixará aflorar uma espécie de sorriso que transcende e resgata sem complacência uma vida sublimemente falhada. Falhado por só ter querido ser eco de “todos os sonhos de mundo” e consciente do que mesmo os mais sublimes só “desfraldam”: “Ao conjunto fictício das estrelas / O esplendor nenhum da vida.”

Perdida na linha do cume da Verdade—inacessível e mesmo impossível da evocar—a luta pelo sentido não se trava essencialmente no domínio do conhecimento objectivo da realidade, nem da vida, nem do eu, mas no domínio das palavras, quer dizer, no âmbito da própria linguagem. Comparada com a luta que se trava no coração da linguagem e que tem a linguagem mes-

ma como objecto, toda a busca do sentido metafísico ou ontológico de Pessoa a respeito do eu, do mundo ou de Deus, é, de algum modo, secundária. Se não fosse assim, Pessoa teria sido apenas um grande poeta romântico exacerbado, derrotado de antemão pela distância entre o seu projecto de conhecimento fáustico e o objecto inacessível ou impensável da sua Busca. Mas o centro dessa busca, o que fez dele uma referência capital da Modernidade não é outra coisa do que a própria Poesia. Da sua vida, um dos seus melhores exegetas escreveu que “nada nela aconteceu que não tivesse sido iluminado pela substância íntima da sua palavra.” É, por conseguinte aí que se trava a autêntica busca do sentido. Todavia, na “Poesia,” como resultado, no poema em que o sentido da existência se revelaria como sinónimo do acto supremamente positivo—o mais alto e mesmo único—também não encontramos aquilo que sob a forma da “busca do Sentido” Pessoa procurava e nós com ele. Como “realidade,” a Poesia não goza de nenhum privilégio. Pelo contrário: Pessoa experimenta ao seu contacto a mesma sensação, o mesmo sentimento de inabilidade, mesmo ampliado, que tudo lhe comunica. Não é a Poesia que lhe pode revelar ou dar o sentido, ou melhor, ser a “casa do Sentido,” por excelência:

Génio? Neste momento

Cem mil cérebros se concebem em sonho génios como eu,

E a história não marcará, quem sabe?, nem um,

Nem haverá senão extrume de tantas conquistas futuras.

Não, não creio em mim.

Em todos os manicómios há doidos malucos com tantas certezas!

Eu, que não tenho nenhuma certeza, sou mais certo ou menos certo?

Não, nem em mim...(297)

Ou numa tonalidade mais sarcástica ainda:

Graças a Deus que estou doido!

Que tudo quanto dei me voltou em lixo,

E, como cuspo atirado ao vento,

Me dispersou pela cara livre!

.....

Poesia transcendental, já a fiz também!

Grandes raptos líricos, também já por cá passaram! (344-345)

Portanto, nenhuma idolatria, nem da Poesia, nem do poético. O Sentido é o que a poesia busca, não o que pode afirmar. Outrora, talvez teve ela esse condão, esse dom de evocar e nos pôr em contacto com as “existências essenciais,” como a Magia de *O Último Sortilégio*. Mas a Musa moderna, a Modernidade como musa já não tem esse poder. O *Sentido* e o *Poema* estão para sempre separados, pois que o Sentido do poeta mas também o do simples homem não é mais do que pura ficção. Ou talvez, mais dolorosamente, um desejo de rosto, um desejo de Sentido sempre diferido:

Os antigos invocavam as Musas.
 Nós invocamo-nos a nós mesmos.
 Não sei se as Musas apareciam—
 Seria sem dúvida conforme o invocado e a invocação.—
 Mas sei que nós não aparecemos.
 Quantas vezes me tenho debruçado
 Sobre o poço que me suponho
 E balido “Ah!” para ouvir um eco,
 E não tenho ouvido mais que o visto—
 O vago alvor escuro com que a água resplandece
 Lá na inutilidade do fundo...
 Nenhum eco para mim...
 Só vagamente uma cara,
 Que deve ser a minha, por não poder ser de outro. (330)

Podemos parar aqui, com Pessoa, junto do poço da irrisão que nos reenvia o eco de uma questão que bem considerada, ao menos para ele, *não tem sentido*. Nem a realidade, nem a sua transfiguração sublime suportam o peso de uma questão como a do *Sentido*. Em torno de quê o podemos, então, formular? Se abriremos o *Livro do Desassossego* em que Pessoa revolve todas as interrogações acerca do sentido da Vida e do sentido do Sentido, apercebemo-nos que a sua questão, ou antes o *lugar* onde ela emerge, lá onde se encontram inextricavelmente enlaçadas a questão do ser e a questão do Sentido, se chama provocantemente, *a Gramática*. É nesse espaço sem par que Pessoa escreve que um adjetivo mal colocado perturba a ordem do mundo. Ou que a palavra que não diz de uma maneira ou outra, essa ordem do mundo de que ela é o frágil e divino suporte, é uma figura do caos e da abominação. Nós temos direitos ao erro, nós somos íntimos e sujeitos ao erro, mas nós não temos o

direito de nos enganar nas palavras. Ou como ele escreve com ironia: “Não é porque beijamos a túnica de Cristo que podemos cometer erros de ortografia.” O Verbo é o Sentido. O Sentido é o Verbo exacto: “Nada há de real na vida que o não seja pelo simples facto que foi bem escrito.”

Obra Citada

Fernando Pessoa. *Obra Poética*. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1981.

Fernando Pessoa, photograph from national card, 1928.
Collection Pessoa Family



Fernando Pessoa at sixteen, Durban, South Africa, 1904.
Collection Pessoa Family.



Fernando Pessoa and Costa Brochado, Café Martinho, Lisbon, c. 1931.
Collection Pessoa Family.



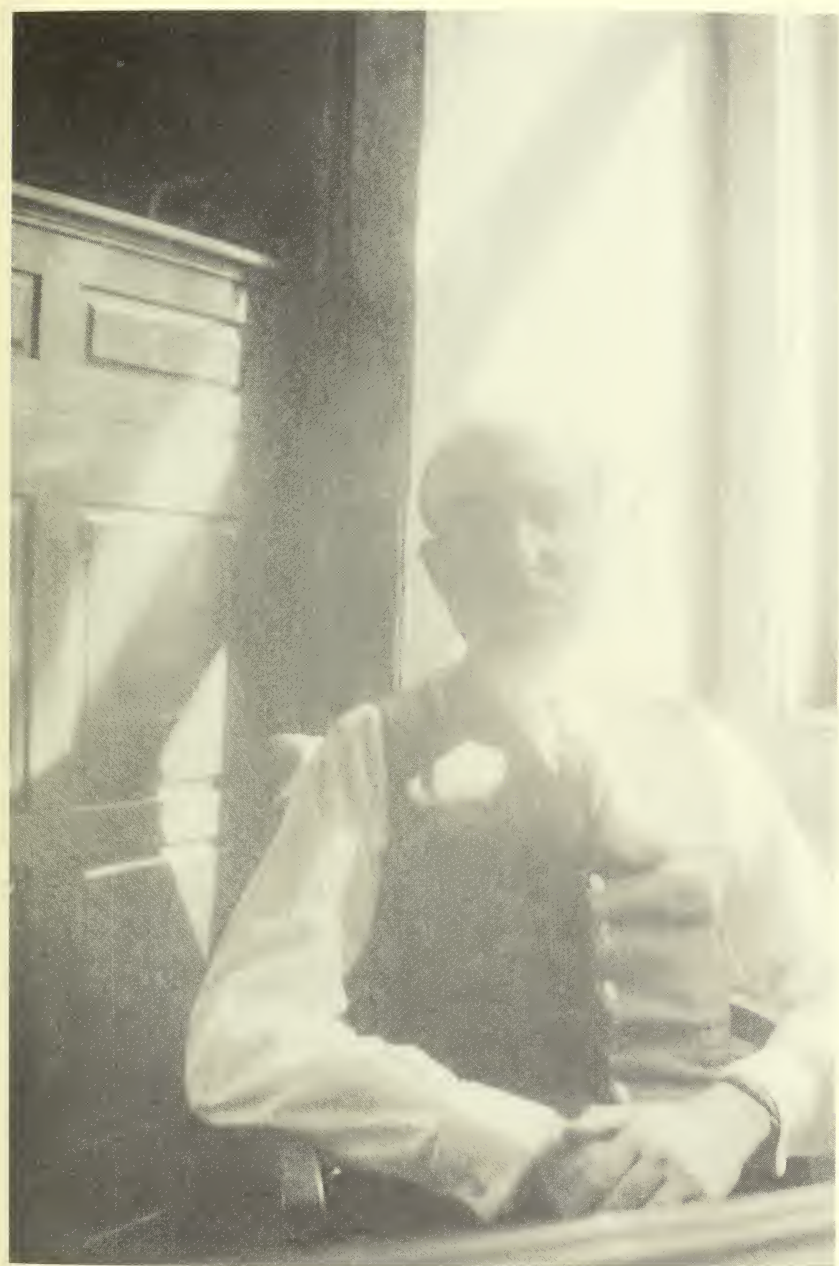
Fernando Pessoa, Chiado, Lisbon, n.d.
Collection Pessoa Family.



Trunk in which Pessoa kept what he wrote, n.d.
Collection Pessoa Family.



Fernando Pessoa, n.d.
Collection Pessoa Family.



Fernando Pessoa, national identity card, 1928.

In Teresa Rita Lopes. *Fernando Pessoa: Vivendo e Escrevendo*.

Lisbon: Assírio & Alvim, 1998.

Natural de (Né à - Born at) Lisboa

isbome Lisboa

Data do nascimento (Né le - Date of birth)

18 junho, seis junel,
de 1888 e bits

Profissão (Profession) empregado em

comercio
emprego de comercio

no tempo e lito ante boctubo
ce bo

Altura (Taille - Height) 1,75

Olhos (Yeux - Eyes) castanhos
sem brown casta ni

Cicatrices (Cicatrices - Scars)

Lisboa, 28 de Agosto de 1928, 1046

Rubrica do Director do Arquivo



Impres

indicador direito
Empreinte de l'index de la

droit
Print of the right fore

finger



ASSINATURA DO PORTADOR - Signature du Titulaire - Owner's Signature:

Amalberto...

Horoscope of Alberto Caeiro for 16 April 1889.

In Teresa Rita Lopes. *Fernando Pessoa: Vivendo e Escrevendo*.

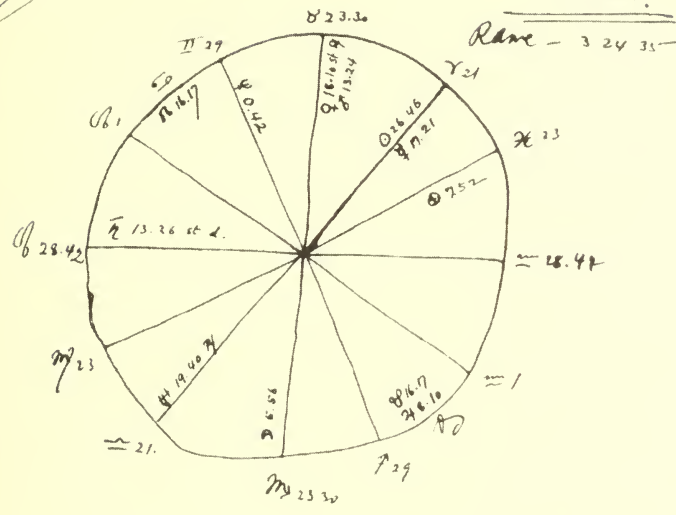
Lisbon: Assírio & Alvim, 1998.

sent 2.22 h m

Caeiro

16 abril 1889, a' 1.45 p. m.

Leisboa.



1915 comp 5 - 12 man.

Jean & St - pro 0 6 ♀ (m. l. m. c.)

pro 24 148 pro 0 death.

Regulus in in 28.38

28.38

Montes sub conjunctis in d. r. t. h. ! (in 9th.)